

1.28 • Conjuntura Internacional

MIGRAÇÃO PARA A EUROPA NA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XXI E A PERCEPÇÃO DA POPULAÇÃO SOBRE A SUA SEGURANÇA

João Henriques

Texto entregue em Setembro de 2019

Os trágicos atentados ocorridos a 11 de Setembro de 2001, nos Estados Unidos, acabariam por dar lugar a uma inevitável associação que, de resto, não é nova, entre imigração e terrorismo, e que rapidamente se alastrou a todo o mundo e, em particular, ao ocidental. Sobretudo, a partir desse momento, a luta contra o terrorismo jihadista passou a ser a principal preocupação dos líderes mundiais. Nesse sentido, foram muitos os países que passaram a adoptar ou a reforçar medidas de controlo fronteiriço, na convicção de que estas contribuiriam, de modo decisivo, para uma efectiva prevenção do flagelo jihadista.

O *Jihadismo*, e, muito em particular, o de natureza bélica – *Jihadismo Islamista* ou *Terrorismo Jihadista* –, tem vindo, ao longo dos últimos anos, a fustigar a mente e a ceifar vidas não só no seio das populações ocidentais, como nas dos próprios muçulmanos. O termo diz-nos que estamos na presença de uma ideologia extremista, que é *inspirada* nos textos alcorânicos e que, segundo os seus seguidores, é o único caminho possível para esconjurar os *males* de que o mundo contemporâneo padece, por via da “reislamização de toda a sociedade”, com recurso à doutrina *salafista*, que defende o “retorno às origens e grandeza do Islão” e o “restabelecimento do Califado em todo o planeta”¹. Estes são, pois, os principais objectivos político-religiosos de todos os grupos e organizações promotoras do terrorismo jihadista, tendo como destinatários os governos do *mundo ocidental* e todos aqueles que são liderados por muçulmanos considerados “apóstatas, ímpios, corruptos e aliados do Ocidente”. Esta versão não é, todavia, partilhada pela generalidade dos muçulmanos², que são, ironicamente, as principais vítimas do jihadismo. Considerando os enormes fluxos migratórios com origem nos países da região MENA³, e os resultados, sobretudo, da guerra civil, na Síria, que teve o seu início em 2011, como, também, outros devidos a permanentes conflitos sociais e violação dos direitos humanos, vive-se, actualmente, numa era a que muitos analistas já chamaram a da “crise de refugiados”, considerando-a mesmo a mais grave desde o fim da II Guerra Mundial, e que é reforçada por outro factor de inegável importância, o das alterações climáticas. Este movimento populacional em massa reacendeu o fenómeno migratório, onde a Europa surge, tanto por razões de proximidade geográfica, como de oportunidade para um futuro melhor, como um destino privilegiado. É, no entanto, prematuro fazer uma previsão sobre o verdadeiro impacto destes fluxos migratórios na vida das sociedades receptoras.

Nesse sentido, o continente europeu passou a *abrir portas* a outros tipos de cultura, alguns bem contrários aos padrões de vida ocidental,

o que, frequentemente, resulta em conflitos de natureza social, envolvendo os novos habitantes e as populações de acolhimento, que não escondem o seu mal-estar com esta *reconfiguração* das suas sociedades, chegando mesmo a acreditar que muitas vezes a figura do *refugiado* serve para esconder propósitos bem hostis. A este propósito, e segundo uma projecção do *Pew Research Center*⁴, em 2050, a população muçulmana na Europa triplicará, o que corresponderá a 14 por cento do total da população do Continente, anteendo-se, de acordo com os analistas, a instalação de sérios problemas de natureza demográfica, dos quais resultarão situações potenciadoras de instabilidade e violência política, confirmando, de resto, algumas das tendências actualmente assinaladas.

“ Os dados recolhidos ao longo dos últimos anos, por muitos especialistas (...) contrariam liminarmente a tese defendida por muitos sectores sobre a relação entre migração e terrorismo. ”

Análise

Para muitos especialistas, a globalização é descrita como um fenómeno emergente e continuado da integração da economia a nível global, dentro do modelo económico capitalista, onde os principais beneficiários são as nações mais ricas⁵. Uma das consequências negativas da globalização, é a inevitável internacionalização do terrorismo jihadista e do crime organizado, onde o factor económico se mostra absolutamente determinante para a prossecução dos seus objectivos. Ainda associado ao fenómeno da globalização, encontramos um outro, o das migrações, que passou a constituir um tema de relevante importância, em particular o que está relacionado com os enormes fluxos de refugiados em direcção à Europa, algo que se têm acentuado, sobretudo, após o ano de 2011, com o início da guerra civil na Síria. É, pois, possível observar que factos como o das alterações climáticas ou o da fuga populacional de territórios em permanente estado de guerra, em muito têm contribuído para o agravamento da situação. Por razões relacionadas com a segurança, estes deslocamentos populacionais em massa passaram a dominar as atenções, sobretudo dos líderes europeus, pela associação logo feita ao terrorismo e ao crime organizado, apoiada,

de resto, nos consecutivos relatórios produzidos pelos *Serviços de Inteligência* dos países de acolhimento.

Todavia, e apesar de, através de diferentes estudos, não estar demonstrado que os imigrantes vindos de países devastados pela guerra constituam um potencial risco de terrorismo, é, igualmente, verdade que há registo de um efectivo aproveitamento do fenómeno, por parte das organizações terroristas, por via da infiltração de agentes seus no território europeu⁶. De facto, as migrações internacionais desde sempre constituíram um verdadeiro desafio à segurança dos Estados. Nesse sentido, a questão demográfica ressurgiu como um dos problemas a justificar a particular atenção dos líderes mundiais, e muito em particular, os da Europa, destino privilegiado por largas massas populacionais oriundas de países de maioria muçulmana. A este propósito, como anteriormente referido, o estudo do *Pew Research Center*⁷, antevê que, em 2050, a população muçulmana, na Europa, triplicará.

Junto da população europeia, a entrada massiva de migrantes registada, sobretudo na sequência dos longos e consecutivos conflitos sociais em países do Médio Oriente, em muito tem contribuído para uma crescente percepção de insegurança, associada à ameaça económica e aos seus valores culturais e identitários, o que tem contribuído, decisivamente, para um sentimento contrário à imigração, e que explica comportamentos recorrentes e generalizados de natureza racista e xenófoba, em particular em países como a Irlanda, a Hungria, a Suíça e a República Checa, sempre na convicção de que a imigração funciona como veículo transmissor de actividades terroristas trazidas dos países de origem para os de acolhimento. Muito provavelmente, a divulgação de alguns estudos sobre o fenómeno das migrações, onde é exaltada a ameaça que está subjacente à chegada destas massas populacionais, terá claramente contribuído para a instalação desse marcado sentimento de oposição. Para Rodrigues⁸, a partir de uma análise atenta é possível estabelecer uma relação entre imigração e uma séria ameaça à segurança. Para a mesma autora, “o século XXI será o século das migrações, tornadas numa das principais fontes de preocupação, apresentando como causa próxima o aumento dos clandestinos e das ameaças transnacionais, mas que têm a sua origem efectiva no medo perante a hipótese de mudança de referência identitária por parte das sociedades de acolhimento, mesmo que muito desse medo seja apenas sugerido e nunca efectivado”.

Outro importante factor que, desde há algum tempo, tem preocupado os líderes políticos europeus, está relacionado com a actual e futura reconfiguração social do Continente, é o do gra-

dual envelhecimento da sua população, o que, inevitavelmente, vai pôr em causa a tão desejada sustentabilidade socioeconómica. Neste domínio, há que reconhecer a contribuição dada com a entrada de novos contingentes populacionais. É algo, de resto, admitido pelos diferentes líderes políticos europeus, aos quais, uma vez mais, são colocados sérios desafios de integração social e às questões securitárias a ela associadas, tanto no curto como no longo prazo, considerando o novo quadro criado pelas futuras gerações de imigrantes nascidas, entretanto, nas sociedades de acolhimento⁹.

Com base em múltiplos factores, dos quais se destaca o notável incremento da população muçulmana, todos os indicadores revelam que, no caso particular da Europa, o fenómeno do jihadismo tende a uma inquietante consolidação, alicerçada em novos meios de financiamento e de recrutamento para a causa jihadista.

Apesar de a sua esmagadora maioria dos muçulmanos ser contrária a acções terroristas, o certo é que uma parte assinalável dos jihadistas que actuam em território europeu provém dessa mesma comunidade. Não será, pois, por acaso, que, de acordo com a pesquisa realizada por Ramos, Loureiro e Graça¹⁰, se verifica, junto da população europeia, uma maior oposição à entrada de imigrantes muçulmanos, comparativamente à de imigrantes não-muçulmanos, como acontece em países como Portugal, Polónia, República Checa, Hungria e Espanha.

Conclusões

A preocupação que os europeus têm sobre os riscos associados à entrada de imigrantes no seu território está amplamente generalizada, tendo começado logo a partir dos violentos atentados de 11 de Setembro de 2001, nos Estados Unidos, e que se foi acentuando ao longo das duas primeiras décadas deste novo milénio. Este crescente sentimento foi, mais recentemente, reforçado pelos significativos movimentos populacionais provenientes de áreas devastadas pela guerra, em particular da Síria e do Iraque. A reforçar o sentimento de intranquilidade dos cidadãos europeus, surgem as posições de alguns destacados líderes políticos, com a afirmação de que, com a entrada destes novos contingentes populacionais, estarem a ser postos em causa os *valores da democracia e os modelos ocidentais*, sem que se possa afirmar, contudo, que estes movimentos, só por si, sejam uma ameaça à segurança dos cidadãos europeus. Certo é que, para a generalidade das sociedades de acolhimento, a entrada de largas massas de migrantes tem sido entendida como uma séria ameaça à sua segurança¹¹. No entanto, os dados recolhidos ao longo dos últimos anos, por muitos especialistas, com destaque para Forrester *et al.*¹², contrariam liminarmente a tese defendida por muitos sectores sobre a relação entre migração e terrorismo. Todavia, esta realidade não tem impedido a instalação junto da população europeia de um sentimento crescente de insegurança consubstanciada na entrada de largas massas populacionais oriundas de países muçulmanos e de zonas afectadas por

sucessivos conflitos sociais. Seja por razões de natureza económica ou por motivações de índole social ou política, não é de crer que o fenómeno migratório, em particular para o chamado *mundo civilizado*, conheça, a breve trecho, o seu epílogo. Bem pelo contrário, as tendências resultantes do gradual envelhecimento da população ocidental, pondo em causa, de modo decisivo, a consolidação económica das nações, são bem reveladoras da continuidade e incremento dos recursos proporcionados pelas migrações. Os mais recentes e representativos estudos revelam uma irreversível tendência de crescimento da população muçulmana em todo o território europeu, em particular no seu espaço mais ocidental. Para analistas como Rodrigues¹³, as migrações internacionais, sob o ponto de vista político, deverão ser entendidas como um desafio “que deve ser perspectivado, de forma direccionada, para três sectores específicos: o da imigração ilegal, o do tráfico de seres humanos e o da criminalidade e terrorismo”. Nesse sentido, cabe às autoridades a pesada tarefa de promover um amplo debate público, de modo a prevenir reacções de índole xenófoba ou racista de que têm vindo a ser alvo as populações que chegam ao território europeu em busca de protecção ou de uma vida melhor. A sociedade europeia caminha a passos largos para uma nova realidade social. Aos líderes políticos europeus é exigida a rápida adopção de medidas que acautelem as futuras gerações e onde o tradicional modelo societário do Velho Continente jamais seja posto em causa. ■

Notas

¹ Estimativas não-oficiais apontam para 0,5 por cento o número de muçulmanos comprometidos com alguma actividade ligada ao terrorismo jihadista.

² De acordo com o WORLDATLAS, a comunidade muçulmana forma o segundo maior grupo religioso em todo o mundo, com cerca 1,8 mil milhões de aderentes. Disponível em: <https://www.worldatlas.com/articles/countries-with-the-largest-muslim-populations.html> [Consultado em 8 de Julho de 2019].

³ Médio Oriente e Norte de África.

⁴ PEW RESEARCH CENTER. Europe's Growing Muslim Population. [Consultado em 1 de Agosto de 2019]. Disponível em: <http://www.pewforum.org/2017/11/29/europes-growing-muslim-population/>.

⁵ OSTERHAMMEL, Jürgen; PETERSSON, Niels P. – Globalization – a short history. Princeton: Princeton University Press, 2005.

⁶ FORRESTER, Andrew C. [et al.] – Do Immigrants Import Terrorism? Cato Institute [Em linha]. Working Paper número 56 (2019). [Consultado em 28 de Agosto de 2019]. Disponível em: <https://www.cato.org/publications/working-paper/do-immigrants-import-terrorism>

⁷ *Op. Cit.*

⁸ RODRIGUES, Teresa Ferreira – Dinâmicas Migratórias e Riscos de Segurança em Portugal. Lisboa: IDN CADERNOS [Em linha]. Número 2 (2010), p. 26 [Consultado em 22 de Agosto de 2019]. Disponível em: https://www.idn.gov.pt/publicacoes/cadernos/idncaderno_2.pdf.

⁹ WILNER, Alex; DUBOULOZ, Claire – Jehanne. Homegrown Terrorism and Transformative Learning: An Interdisciplinary Approach to Understanding Radicalization. Global Change, Peace & Security [Em linha]. 2010. [Consultado em 4 de Setembro de 2019]. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14781150903487956>.

¹⁰ *Op. Cit.*

¹¹ RAMOS, Alice; LOUREIRO, Ana; GRAÇA, João – Migrações e refugiados – Atitudes e percepções dos europeus. Instituto de Ciências Sociais [Em linha]. 2016. [Consultado em 6 de Setembro de 2019]. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/26525>

¹² *Op. Cit.*

¹³ *Op. Cit.*

Bibliografia geral

FERREIRA, Susana Raquel de Sousa – A política de imigração europeia : instrumento da luta antiterrorista? [Em linha]. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Dissertação de Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais, 2010. Disponível em WWW: <URL: <http://run.unl.pt/handle/10362/5703> > .

GUILD, Elspeth . Security and migration in the 21st century. Cambridge: Polity Press, 2009.

Documentação oficial consultada

EUROPOL. Terrorism Situation and Trend Report 2019 (TE-SAT). Disponível em: <https://www.europol.europa.eu/activities-services/main-reports/terrorism-situation-and-trend-report-2019-te-sat>